

A escravidão não acabou

Especismo, exploração animal e outras teses inconvenientes

Por Jordana Guidetti Pozzebom¹

Resumo

A presente atividade desenvolvida através do Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Estadual Dr. Paulo Devanier Lauda teve por objetivo demonstrar aos alunos – de uma turma de nono ano – que o especismo, ou seja, a noção de que uma espécie é superior a outra, é uma questão tão problemática e repressora quanto o racismo ou o sexismo. A fim de alcançar nossos objetivos, trouxemos debates a respeito do ato de justificar – histórica, cultural ou cientificamente (lembramos da eugenia) – diferenciações de raça, sexo ou espécie como forma de manter a salvo interesses de determinados grupos de pessoas. A partir de um texto base do filósofo Stephen Law e de um documentário intitulado "A carne é fraca", a atividade consistiu em sensibilizar os estudantes quanto às questões do especismo e exploração animal e as implicações morais, econômicas, ambientais e sociais desta realidade em nossa sociedade. Nossa atividade evidenciou questões filosóficas e históricas relevantes nos debates sobre esse tema, como a lógica de preservação dos preconceitos como mecanismo do conservadorismo em nossas práticas cotidianas e que temos naturalizado e apresentado como comportamentos moralmente aceitos dentro de nosso meio social. Através de relatos da execução da atividade referentes a receptividade dos alunos, apresentaremos de que forma nosso trabalho alcançou seus objetivos, bem como as discussões geradas a partir da curiosidade e do interesse de alguns estudantes com o tema trabalhado.

Palavras-chave: ensino de história, especismo, exploração animal, alimentação, meio ambiente.

¹ Universidade Federal de Santa Maria

Abstract

Our work had the educational purpose the act of demonstrating that speciesism, that is, the notion that a species is superior to another is an issue as problematic and repressive as racism or sexism. We brought to the students the debate about the act of justifying - historical, cultural or scientific (let us remember eugenics) - differences of race, sex or species in order to maintain safe interests of certain groups of people. From a text based on the philosopher Stephen Law and a documentary entitled "The flesh is weak", the activity was to raise awareness among students about the speciesism issues and animal exploitation and moral, economic, environmental and social implications of this reality our society. Moreover, it revealed philosophical and historical issues relevant in the debate on this issue, as the preservation logic of prejudice as conservatism mechanism in our daily practices and that have naturalized and presented as morally accepted behavior in our social environment.

Keywords: speciesism, animal exploitation, racism, species.

Relato

Através do Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação a Docência (PIBID), nós, bolsistas, iremos descrever o relato de nossa atividade realizada na Escola Básica Estadual Doutor Paulo Devanier Lauda, localizada na cidade de Santa Maria. Nossa atividade foi sobre especismo e exploração animal, em que construímos junto aos alunos a noção de que tais conceitos podem ser comparados a outras teses discriminatórias, como racismo ou machismo.

No primeiro momento de nossa aula inicial na turma de 9º ano, depois de feitas as devidas apresentações, entregamos para os alunos um texto denominado “Devo comer carne?” presente no livro “Os arquivos filosóficos”, escrito por Stephen Law. O texto é bem didático, curto e de fácil compreensão, excelente para utilizar numa turma com alunos de 13 a 16 anos. No presente capítulo, é contada a história de um explorador que, em uma de suas viagens, é capturado por uma tribo indígena canibal; eles irão discutir porque se deve, ou não, comer carne humana. Os argumentos de Errol, o explorador, são vencidos no momento em que a mulher que dialogava com ele, sua captora, encontra um sanduíche de carne em sua mochila, conforme é possível ver no seguinte diálogo:

Mulher: - Então, o que é isso?
Explorador: - É meu almoço.
Mulher: - Sim, mas o que é isso?
Explorador: - É um sanduíche. Um sanduíche de carne.
Mulher: - Carne que pertencia a algum animal vivo?
Explorador: - Bem, sim. Quer dizer, acho que sim.
Mulher: - Era um ser vivo, que gostava da vida, que não queria morrer e mesmo assim foi morto, só para que você se deliciasasse com a carne dele?
Errol entendeu onde ela queria chegar.
Explorador: - Sim, mas era apenas um animal. E é certo comer animais. Mas é errado comer homens. Os homens são diferentes.
Mulher: - Mas o homem também é um animal. Por que é errado comer homens e não é errado comer animais que não são homens? (LAW, 2003, p. 14)

A partir desse texto, em especial desse diálogo final (que antecede a morte de Errol), começamos a trabalhar a seguinte questão com os alunos: “por que é errado matar e comer animais humanos, mas não é errado matar e comer

animais não humanos?”. Nós nos utilizamos de duas argumentações: Filosófica e Histórica.

Na argumentação filosófica, debatemos muito com os alunos sobre os fatores que justificam a exploração animal. Eles foram questionados sobre a razão do animal não humano servir de alimento e o animal humano não; as respostas foram diversas: “é porque eles não pensam”, “é porque eles não falam”, “é porque eles não têm como se defender”, etc. Um aluno chegou a responder que “é porque somos o topo da cadeia alimentar”; prontamente, respondemos que a cadeia alimentar é uma invenção humana e o próprio homem colocou-se no topo, mas sabemos que não é bem assim, afinal, ele pode sim servir de alimento para uma série de animais não humanos e, como vimos no texto de Errol, para outros animais humanos também. Pedimos a ajuda dos alunos para elencarem todas as demais formas de exploração, além da indústria alimentícia; ficamos satisfeitos que eles participaram muito e conseguiram enxergar diversos setores que nós mesmos não havíamos pensado: indústrias de cosméticos/farmacêutica (realização de testes), lazer (circos, zoológicos e rinhas), transporte, religião (sacrifícios), entre outros.

Nesse momento, trouxemos para eles uma tirinha chamada “Animais” do cartunista Pedro Leite. Fazendo parte de uma coleção chamada “Quadrinhos Ácidos”, o cartunista aborda com sarcasmo e humor ácido temas presentes em nosso cotidiano. Essa imagem vai mostrar a realidade inversa, o Pedro pegou diversos momentos em que os animais são explorados em nossa sociedade e fez a troca dos papéis: os animais explorando os humanos. A finalidade de trazermos isso para os alunos é fazê-los refletir: seria bom se fosse conosco? Partindo do pressuposto que o futuro é incerto, porém que tudo pode acontecer: e se algum dia surgir uma espécie mais desenvolvida fisicamente e intelectualmente que a nossa, e passarmos a ser usados para alimentação, lazer, transporte, testes de produtos, etc. Esses são os questionamentos que o campo da filosofia nos proporciona.

Encerrado esse momento de reflexão, passamos a abordar o tema “Especismo e Exploração Animal”, partindo de um viés histórico; porém, antes foi preciso tratar com os alunos: “afinal, o que é especismo?”. Esse conceito foi cunhado pelo psicólogo britânico Richard Ryder na década de 70, segundo ele, especismo é a discriminação da espécie humana contra outras espécies animais, tidas como inferiores. Alguns anos depois, o filósofo e professor Peter Singer, vai ajudar a popularizar esse conceito, utilizando-o como base em sua obra “Libertação Animal”. É nesse momento que a história entra, afinal, a justificativa do especismo é a mesma justificativa para o racismo. Pensemos em Brasil Império, metade do século XIX, auge do sistema

escravista em nosso país. A razão pela qual o homem branco escravizava o homem negro era por ele pertencer a uma raça inferior, como se a pigmentação de sua pele, se suas origens, o tornassem débil e que sua única função era a de servir aos interesses de seu superior. Isso parece familiar, não parece? A ideia de uma raça superior à outra, a fim de justificar a exploração de aquele ser tido como inferior, é a mesma ideia de uma espécie sendo superior a outra espécie. Mais uma vez, podemos citar o texto de Law a fim de proporcionar uma ideia mais didática para trabalhar esse tema em sala de aula:

Quando pensamos nos tempos passados da escravidão, achamos muito difícil compreender como as pessoas daquela época não percebiam que a maneira como tratavam outros seres humanos era muito errada. De fato, alguns tratavam seus escravos como animais, às vezes até pior. Eles os chicoteavam, torturavam e mantinham-nos nas mais abomináveis condições. Alguns donos de escravos mutilavam deliberadamente seus escravos quando estes tentavam fugir. Como esses donos de escravos não percebiam como era errado seu comportamento com outros seres humanos? O fato é que não percebiam. A maioria dos donos de escravos consideravam-se cidadãos honrados e morais. Assim, talvez sejamos como os proprietários de escravos. Pode ser que estejamos simplesmente cegos com respeito ao erro que estamos cometendo. (LAW, 2003, p. 35/36)

Um artigo muito interessante, que utilizamos como base para nosso trabalho e estabelece uma curiosa relação entre “ser especista” e, conseqüentemente, “ser vegetariano”, é o texto “O que é o especismo?” de David Olivier: nesse artigo, o autor vai realizar a provocação de trabalhar, a partir do racismo, com diversos questionamentos que vão acabar caindo na justificativa do especismo de que a espécie humana é superior por ter um intelecto superior, e o autor vai refutar essa justificativa falando a respeito de que a inteligência entre os seres humanos não é igual, portanto, não serve como justificativa para escravizar os animais não humanos.

Mais uma exemplo que é visto com infeliz frequência ainda nos dias de hoje – e que, conseqüentemente, serve aos objetivos de nossa análise – é o machismo: a ideia do homem (ser superior) explorar e abusar da mulher (ser inferior, “sexo frágil”). Ou seja, a ideia de um sexo superior ao outro. O texto de Olivier traz um parágrafo que remete a crueldade que é feita com aqueles que não têm voz para se defender, dizendo que a falta de comunicação não é um fator que justifique qualquer tipo de abuso e muito menos que o silêncio signifique que o massacre físico e/ou psicológico não existe. Nisso, ele vai citar o ganho de es-

paço nas mulheres da sociedade, a partir do momento em que elas ergueram sua voz e exigiram seus direitos:

E como a ausência de linguagem justifica o massacre? Explicaram-me que, se um ser não pode dizer que sofre, ninguém pode descobrir. No entanto, todos os mamíferos mostram os mesmos sinais de sofrimento que os humanos; seria espantoso que fenômenos tão parecidos não tivessem a mesma causa. Poucas ciências seriam possíveis caso se exigisse que o seu objeto fosse dotado de palavra. E também: «Se um ser não pode conceituar o seu sofrimento, este não existe, é puramente físico.» As feministas mostraram muito bem que durante séculos as mulheres sofreram em silêncio, porque faltavam conceitos para exprimir o que sentiam. Um passo decisivo para a sua liberação foi conseguir forjar estes conceitos para dizer e pensar o que viviam. Antes disso, o seu sofrimento era «puramente físico»? (OLIVIER, 1992)

Nosso objetivo era o de demonstrar aos alunos que o especismo é uma questão tão delicada e repressora como o racismo ou o machismo devido as suas justificações histórico-culturais. Graças a grande demonstração de interesse por parte dos alunos, acreditamos ter despertado a atenção deles pra esse assunto.

Tendo sido finalizada a parte teórica de nossa atividade, em que conceituamos o especismo e trouxemos um debate filosófico e histórico para nossa turma, em um novo momento exibimos para eles um documentário intitulado “A carne é fraca”, do Instituto Nina Rosa. Essa ONG surgiu no ano 2000, a fim de promover a conscientização sobre os direitos animais, consumo sem crueldade e vegetarianismo. O documentário irá mostrar as etapas pela qual a carne passa, desde o momento do criadouro até a chegada ao comércio. Além de exibir a realidade da indústria alimentícia, também irá retratar questões econômicas e ambientais, como por exemplo, o grande impacto para os recursos hídricos do planeta. Além dos dejetos animais (que são produzidos em uma escala muito maior que a dos homens) que são repletos de medicamentos e hormônios acabarem indo parar em rios, mares e açudes; bovinos, suínos e demais animais gerados em larga escala consomem uma quantidade muito grande de água por dia, podendo variar de 15 a 90 litros por animal. Além do impacto pra camada de ozônio com a emissão de gases na atmosfera, desmatamento em massa, etc. Além de seu conteúdo, as imagens trazidas pelo documentário são moderadas – em sua maioria – o que ajudou muito em nossa escolha para exibi-lo em sala de aula. Indicamos para os alunos que se interessassem pelo assunto, assistir em casa o documentário “Terráqueos”.

Terráqueos é um documentário estadunidense produzido em 2005, narrado pelo ator e ativista dos direitos animais Joaquin Phoenix. O documentário vai trazer imagens fortes (os alunos foram avisados previamente), sobre como funcionam as fazendas industriais, centros de testes em animais, o comércio de peles e do couro, etc., fazendo uso de câmeras escondidas para mostrar a realidade das práticas diárias que visam o lucro sobre a exploração animal. Dois alunos relataram no encontro seguinte terem assistido esse documentário, e demonstrado interesse em adotar uma dieta vegetariana.

Em decorrência de incompatibilidade de horários, logo seguido pelas férias escolares e pela greve dos professores da rede pública, o fim da nossa atividade teve de ser adiado. Ao retornarmos a escola, percebemos uma diminuição no interesse e na disposição da turma. Uma atividade havia sido proposta antes das férias: a ideia era que eles fizessem vídeos com suas famílias, usando perguntas pré-estabelecidas referentes à atividade, e, posteriormente, que compartilhassem conosco através das redes sociais; porém a turma não demonstrou interesse na realização da mesma. Então, a fim de concluir nosso trabalho, procuramos fazer uma roda de conversa com eles onde alguns alunos manifestaram ter gostado da nossa atividade e relatado que aquilo que lhes foi passado serviu para refletir, independente de ter mudado, ou não, seus hábitos alimentares. Conseguimos estabelecer as relações que pretendíamos e ensinar aquilo que acreditamos ser o certo. Em face do relativo sucesso da atividade – se o PIBID continuar por mais alguns anos – pretendemos abordar de modo mais aprofundado os direitos animais (para isso iríamos nos basear na obra de Tom Regan e em artigos que seguissem a mesma linha de pensamento) e o processo de libertação animal proposto por Singer. Uma passagem muito significativa na introdução de sua obra, diz o seguinte:

Em comparação com outros movimentos de libertação, o movimento de Libertação Animal apresenta várias dificuldades. A primeira, e mais óbvia, é o fato de os membros do grupo explorado não poderem, por eles mesmos, protestar de forma organizada contra o tratamento que recebem (embora possam protestar, e o façam o melhor que podem, individualmente). Temos de ser nós a falar em nome daqueles que não podem fazer isso por si próprios. É possível constatar a gravidade dessa dificuldade se perguntarmos a nós próprios quanto tempo teriam de ter esperado os negros pela igualdade de direitos se não tivessem sido capazes de falar por si mesmos e de exigir tal igualdade. Quanto menos um grupo for capaz de se tornar visível e de se organizar contra a opressão, mais facilmente será oprimido. Ainda mais significativo para o futuro do

movimento de Libertação Animal é o fato de quase todos os elementos do grupo opressor estarem diretamente relacionados com a opressão, considerando-se beneficiários desta. (SINGER,1975, p. 6).

Uma notícia recente divulgada pelo site “Vista-se” – maior portal de notícias sobre veganismo e direito animal do Brasil – mostra que no estado de Minas Gerais um professor de filosofia foi demitido após tratar desse tema em sala de aula. O educador, em entrevista ao portal, alegou usar essa metodologia de trabalho a anos, e diz também ter seguido a mesma linha de raciocínio a qual usamos em nosso trabalho: estabelecer a comparação entre o especismo, o racismo e o machismo (ou sexismo). A demissão se deu em face do incomodo dos pais com o tema tratado, por muitos alunos terem questionado esse assunto em casa com suas respectivas famílias. Ou seja, concluímos que – como vimos na citação de Singer – o assunto abordado pelo professor incomodou aos beneficiários de tal opressão (a exploração animal), e, para defender seu suposto “direito de oprimir”, optaram por livrar-se da fonte de rebeldia. Isso significa que os alunos estavam conseguindo abrir seus olhos para o quão isso é errado, uma prova de que esse tema deve sim ser abordado em sala de aula, preferencialmente desde os anos iniciais: não para doutrinar o vegetarianismo, ou qualquer outra dieta restrita de produtos de origem animal, mas para que os jovens aprendam a consumir conscientemente, para que passem a ter noção das diversas consequências trazidas por seus hábitos alimentares e tenham a liberdade de decidir se eles querem seguir em frente, ou não.

Fomos questionados da razão de ter escolhido esse tema para trabalhar com uma turma de nono ano. A escolha da turma não foi por acaso, queríamos uma turma com histórico de participação em sala de aula, na relação professor/aluno, e nos foi indicada essa. Com relação à escolha do tema, nós – os três bolsistas de iniciação a docência e a professora regente – somos vegetarianos, e decidimos usar esse interesse em comum a fim de realizar uma atividade bem fundamentada e que pudessem ser trazidas experiências para a turma. Conversamos com eles e falamos às razões que nos levaram a aderir o vegetarianismo, em que período de nossas vidas isso aconteceu e quais foram as reações de nossos familiares. Logo, alguns alunos começaram a comentar que já tentaram ou já cogitaram a possibilidade de aderir à dieta vegetariana. Nesse momento, conversamos com eles a respeito da questão da saúde, que já havia sido abordada ao trazermos o documentário pra eles. Concordamos que a carne consumida moderadamente e da maneira certa, realmente pode trazer diversos benefícios à saúde e sabemos que muitas pessoas condenam o vegetari-

anismo justamente por isso, por alegar que a pessoa irá sofrer de desnutrição, que irá ficar anêmica, que não vai conseguir adquirir proteínas de nenhuma outra fonte. Porém, na realidade, com exceção da vitamina B12 – que é encontrada somente em fontes vegetais enriquecidas com a mesma – tudo o que o corpo humano, precisa para manter-se saudável (as demais vitaminas, bem como proteína e sais minerais) pode sim ser encontrado em fontes vegetais. Inclusive, recentemente a Organização Mundial de Saúde lançou um alerta dizendo que bacon, salsicha, presunto e similares são alimentos cancerígenos. A notícia tem dado muita repercussão na mídia pelo fato de que grandes marcas como a JBS-Friboi, Sadia, Seara, Perdigão, entre outras, possuem forte influência na mídia, o que gera uma falta de imparcialidade de muitos jornalistas (aliado ao fato de que sua própria alimentação pode influenciar em como ele ou ela irá abordar tal assunto). Kurt Straif, cientista da OMS e coordenador desse estudo, disse em entrevista ao jornal espanhol “El País”:

Nossa força está no fato dos melhores cientistas da área, sem conflitos de interesses e laços com empresas e outros grupos, terem analisado todos os testes científicos e chegado a melhor conclusão possível. Por outro lado, a indústria sempre tem interesses ao comentar sobre esses assuntos porque seu objetivo é que as vendas de carne vermelha e processada não deixem de crescer. Deixo ao público a decisão em quem confiar [...] Esse estudo, por um lado, contribui com informação às agências de saúde pública nacionais e outros órgãos responsáveis para que medidas sejam tomadas e recomendações de consumo sejam feitas. Por outro, diz às pessoas: ‘Se quer reduzir seu risco de ter câncer, mostramos aqui uma forma de fazê-lo.

Encerrada a conversa com alunos no que remete a alimentação e saúde e a fim de concluir o presente trabalho, mediante sucesso da atividade em sala de aula, vamos trazer o relato de uma menina que nem cogitava a possibilidade de virar vegetariana porque toda a sua família é onívora e que os pais dela achariam ridículo e não aprovariam. Como qualquer outro preconceito (leia-se pré-conceito, ou seja, um conceito pré-determinado), explicamos que muitas pessoas realmente acham ridícula a ideia de não comer carne, que acham que os animais nascem para nos servir e que os eles estão isentos de direitos. Bom, ao fazer criação em larga escala, os fazendeiros automaticamente estão criando aqueles animais para o abate, mas, referente à preocupação da aluna com o que os pais achariam, explicamos o seguinte: isso é ser especista. Isso é a pura demonstração de achar que sua espécie é superior a outra e não querer sequer ouvir uma contra argumentação. Era isso que muitos latifundiários racistas do século XIX – por exemplo – respondiam ao serem indagados sobre o fim

da escravidão: “eles nascem para nos servir” ou “negros não tem direitos”. Bom, uma novidade para aqueles senhores e senhoras do século XIX, bem como os defensores do especismo nos dias de hoje: ninguém nasce para servir ninguém e todos os seres vivos têm o direito à vida. O racismo continua a existir no Brasil, porém a escravidão fora abolida no final daquele mesmo século. Chegará o dia em que os animais também se tornarão livres e não mais escravos da espécie humana, porém, quando esse dia chegar, ainda haverá especistas que irão achar que seus direitos estão sendo tirados.

Referências Bibliográficas

LAW, S. Devo comer carne? In: *Os Arquivos Filosóficos*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 11-39.

SINGER, P. *Libertação Animal*, 1975, 205 p. Disponível em: <<https://olhequenao.files.wordpress.com/2011/12/peter-singer-libertac3a7c3a3o-animal.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2015.

Les Cahiers Antispécistes. *O que é o especismo?* Escrito por OLIVIER, D. e traduzido por MEDINA, B. 1992. Disponível em: <www.cahiers-antispecistes.org/spip.php?article295>. Acesso em 29 out. 2015.

A CARNE é fraca. Produção: Instituto Nina Rosa. Edição: João Landi Guimarães. Imagens, Direção e Roteiro: Denise Gonçalves. Trilha sonora e mixagem: Gustavo Martinelli. Instituto Nina Rosa, 2004, Documentário (54 min), mini DV, color.

25-Animais.png. Altura: 650 pixels. Largura: 658 pixels. 364kb. Formato PNG (Portable Network Graphics). Disponível em: <<http://1.bp.blogspot.com/-zQr-TzDIfv4k/Umqp7Yo2GII/AAAAAAAAAEN4/P9a39s8K7dk/s1600/25-Animais.png>>. Acesso em 29 out. 2015.

VISTA-SE. *Coordenador da OMS afirma que não há um nível seguro para consumo de carnes processadas*. Disponível em: <<https://vista-se.com.br/coordenador-da>>

[oms-afirma-que-nao-ha-um-nivel-seguro-para-consumo-de-carnes-processadas/](#)>. Acesso em 29 out. 2015.

EL PAÍS. “*O público decidirá em quem confiar, na indústria ou em nós da OMS*”. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/27/ciencia/1445973651_517810.html?id_externo_rsoc=FB_CM>. Acesso em 29 out. 2015.

OLIVEIRA, G. D. *A TEORIA DOS DIREITOS ANIMAIS HUMANOS E NÃO-HUMANOS, DE TOM REGAN*. Florianópolis, 2004, p. 283-299. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/viewFile/14917/13584>>. Acesso em: 29 out. 2015.